



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

BREVES PALAVRAS POR OCASIÃO DA ABERTURA SOLENE DO CICLO PENSAR OS PENSADORES.

ALVES, Hélio Osvaldo

Ano: 1992 | Número: 102

Como citar este documento:

ALVES, Hélio Osvaldo, Breves palavras por ocasião da abertura solene do ciclo Pensar os Pensadores. *Revista de Guimarães*, 102 Jan.-Dez. 1992, p. 35-38

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



casadesarmento

centro de estudos do património

Breves palavras por ocasião da abertura solene do ciclo “Pensar os Pensadores”

Hélio Osvaldo Alves

Revista de Guimarães, n.º 102, 1992, pp. 35-38

Exmos. Membros da Comissão de Honra,
Meus Amigos,
Minhas Senhoras e meus Senhores,

Ao aceitar lançar-me na aventura de organizar estas Comemorações, correspondendo assim ao mais que honroso convite que a Direcção desta Casa teve a coragem de me fazer em Abril passado, vi aí, pela magnitude e pela profundidade do tema — homenagear Antero de Quental e Alberto Sampaio — a possibilidade de que Guimarães e toda esta região pudessem vir a ser receptáculo irradiante duma manifestação cultural sem paralelo em todo o País.

O acolhimento que a minha proposta inicial teve por parte da Direcção no Maio seguinte, alimentou e acalentou essa possibilidade de modo a que pudesse vir a tornar-se na realidade que hoje começa, e que irá prolongar-se, com actividades multifacetadas, até ao dia 1 de Dezembro.

Já Antero escrevera, em tom jocoso, a Alberto Sampaio sobre esta cidade e seus valores:

Decididamente, o berço da monarquia é uma terra de grandes recursos, e compreendo e admiro a profunda sagacidade

de que deu prova o Conde Dom Anrique escolhendo-a para sua corte!

Convirá pois, que falemos claro, sem falsa modéstia, quanto ao alcance e significado destas Comemorações, mas que falemos também com a humildade que deve iniludivelmente presidir a momentos solenes em que a nossa Cultura é exaltada, por si só e como merece, sem que dela alguém tente tirar dividendos de política rasteira.

Na carta ao Duque de Ávila, em que reverbera a prepotência do ministro que mandara encerrar as Conferências do Casino, Antero faz a análise deste país mesquinho à beira mar plantado:

Portugal, dizia-se há anos, é o país mais liberal da Europa! A Europa, diziam os correspondentes dos jornais provincianos, inveja a nossa sorte, e acha-a única!

... A Europa quase que não compreende a nossa fenomenal liberdade de pensamento! Somente, meus senhores, ninguém se lembrava de pensar.

Combater esta espécie de amnésia, doença sub-reptícia que, também nos nossos dias, não mata mas consome, inspirou a ideia de apregoar a necessidade de **Pensar os Pensadores**, de pensar no significado da obra destes Homens, hoje, para nós, de pensar no significado, enfim, das suas vidas. Como já disse alguém, referindo-se ao nosso poeta épico,

Camões não é um túmulo perdido
Num passado senil Que o não cite
em vão quem desconhece
que cita um nome vivo
(Gastão Cruz)

É aqui, precisamente, que reside o significado de Cultura e da transmissão de Cultura; quem falar e quem ouvir, quem participar, enfim, nestas Comemorações, saberá então que o faz em comunhão com muitos, num sentir vivo, em relação a Homens que, aspirando

sempre a uma meta para além da já conquistada, viveram, sofreram, amaram, morreram, na ânsia terrível de se saberem incompletos.

Escrevendo de Paris a Alberto Sampaio, confessava Antero sobre ambos: “sei que falo a um homem que sabe quantas desilusões não traz após si esta mesma sinceridade com que procuramos algo de melhor e mais justo”.

Terá sido, porventura, esta procura de “algo de melhor e mais justo” que norteou, basicamente, a vida destes dois homens. Alcandorados, cada um deles, na sua solidão, somente daí descendo para contactar alguns familiares, poucos amigos, mas fundamentalmente para estarem juntos das poucas vezes em que o fizeram, entregavam-se à vivência dum amor que ambos votavam inapelavelmente ao mundo, como quem oferece a última coisa que possui:

“Só a contemplação inteligente do mundo”, escreve, de novo Antero ao seu Amigo, “nos pode dar o direito de desprezar o mundo. Os anos, as decepções, os sofrimentos e a experiência inteligentemente serena que resulta disto tudo devem obrar em nós essa espécie de reconciliação, por meio da qual voltamos a amar o mundo, mas pondo-nos desta vez como que fora dele — ou acima dele”.

Numa síntese dolorosa, que pode, com algumas outras, ser tida como a descrição espiritual de ambos, Antero faz o retrato dos dois Amigos a corpo inteiro:

Afinal, o que devemos ter em vista não é tanto ser tal ou tal coisa no mundo, mas simplesmente ser homem, *rien qu’un homme*, como diz o Fausto. Ora ser *homem* não é... ser uma actividade apaixonada, mas uma indiferente firmeza, pronta sempre a deitar as cartas em cima da mesa ainda no mais interessante do jogo, e a deixar a partida sem saudades...

Faz hoje cem anos que Antero abandonou a partida “sem saudades”, deixando na sua solidão, agora exacerbada, Alberto Sampaio.

Para nos falar hoje de Antero, dando assim início a esta aventura que nos vai levar a **Pensar os Pensadores**, quem melhor do que um pensador? quem melhor do que um investigador e um docente universitário de longa e fecunda carreira, exercida percorrendo sobre a Filosofia Política e Social e a História da Cultura e da Filosofia em Portugal? Temos a honra, e não é frase vã dizer isto hoje, temos a honra repito, de ter entre nós esta noite o Professor Doutor Lúcio Craveiro da Silva, cujo nome, felizmente, dispensa qualquer apresentação. Peço licença para, nesta ocasião, ousar pensar o que Antero pensou: “a admiração completa é de sua natureza concisa”.

Muito obrigado.